



O ‘DITO’ E O ‘ESCRITO’¹

The “Spoken” and the “Written”

Márcio Alves da Fonseca

Professor Doutor do Departamento de Filosofia da PUC-SP, São Paulo, SP - Brasil, e-mail:
mafonseca@pucsp.br

Resumo

O objetivo deste texto é refletir sobre a trama entre o “dito” do curso *A Hermenêutica do sujeito* e o “escrito” – que corresponde ao curso – posteriormente publicado na forma de livro e de suas traduções. Essa trama denota um certo estilo, característico daquilo que se mantém em aberto e expressa o “modo de ser” próprio de uma filosofia que pode ser compreendida enquanto “ensaio”, ou ainda uma forma de “exercício de si”. Na trama entre a fala pronunciada no curso e as palavras escritas que compõem o livro e suas traduções, percebe-se o esvaecimento da distinção rigorosa entre “forma” e “conteúdo”, característico dos trabalhos de Foucault.

Palavras-chave: Hermenêutica. Fala. Escrita. Forma. Conteúdo.

¹ Este texto foi apresentado no Colóquio Internacional “Foucault: nouveaux déploiements”, Paris, junho/2004. A versão francesa foi publicada com o título *Le ‘dit’ et l’‘écrit’*, *Cahiers Parisien*, Paris, v. 1, n. 1, p. 344-348, 2005.

Abstract

*My purpose in this paper is to capture the interweaving on the “spoken” material from the course and “written” material from the published book and from its translations, in *The Hermeneutics of the Subject*. This interweaving generates a style, which is the product of an experience typical of that which remains unfinished. The style express in turn a “manner of being” that is proper to philosophy understood as an “essay”, or “exercise of the self”. In the interweaving of the spoken words from the course and the printed words that became a book that was translated into other languages, we see how the distinction between “form” and “contents” disappears, a phenomenon that is deeply characteristic of Foucault’s work.*

Keywords: *Hermeneutics. Speech. Writing. Form. Content*

Durante os mais de trinta anos transcorridos do início dos anos cinquenta até sua morte, foram muitos os “ditos” e os “escritos” de Michel Foucault. Por meio deles, muitos outros, além de Foucault, puderam falar, sendo que, por diversas vezes, esta interlocução foi registrada na forma da escrita. Um grande número de novos “ditos” e “escritos” foram possíveis com Foucault e a partir de Foucault.

O curso *L’herméneutique du sujet* (FOUCAULT, 2001), considerado na pluralidade das formas pelas quais podemos conhecê-lo – a forma das aulas pronunciadas, a forma do curso editado em texto, a forma do texto organizado em livro, a forma do livro traduzido para outra língua – permite algumas reflexões nesta direção. Na trama desenhada pelo “dito” do curso pronunciado e pelo “escrito” do livro editado e da sua tradução, muitos tomam a palavra. Nesta trama, e a partir dela, inúmeros interlocutores vêm se alojar.

Na trama do curso, do livro e da tradução de *L’herméneutique du sujet*, o primeiro a tomar a palavra – ao menos aparentemente – é Foucault, Foucault-professor. Este é quem pesquisa e quem escreve tanto os dossiês nos quais se apoiam as aulas, quanto as próprias aulas pronunciadas nos auditórios do *Collège de France*.

Ao pronunciar as aulas, Foucault-professor faz muitos outros falarem. Assim, Platão, Sêneca, Marco Aurélio, Cassiano, Diógenes Laércio, Epicteto, Galeno, Plutarco, Epicuro, Posidônio, Musonius Rufus, Frontão e tantos outros tomam a palavra através de Foucault. As palavras desses pensadores, que acompanham a de Foucault, já haviam sido pronunciadas muito antes, de modo que aquela fala aparentemente primeira, a de Foucault-professor, não faz mais que reatualizar outros tantos “ditos” e “escritos” anteriores.

Na passagem do curso para o texto, quando as aulas pronunciadas são convertidas em livro, Foucault-professor torna-se também Foucault-autor. É agora o editor quem toma a palavra, reatualizando a de Foucault. Em sua intervenção, o editor transcreve as aulas, pesquisa os dossiês redigidos por Foucault e – a partir deles – completa as frases das aulas, redige as notas – nas quais organiza as referências utilizadas no curso –, escreve o texto que situa o curso.

Nesta mesma trama do curso e do livro, insere-se a tradução. Os tradutores, por sua vez, também tomam a palavra, na medida em que, interpretando o texto, convertem-no para sua língua, fazendo com que também nela – sua língua – o “dito” do curso torne-se acessível pelo “escrito” do livro traduzido. Para tanto, intervêm no texto fazendo escolhas, estabelecendo semelhanças e distinções. A intervenção dos tradutores é, aparentemente, a mais distante daquela fala primeira, a de Foucault-professor. Curiosamente, entretanto, é através dela que os leitores de sua língua terão o primeiro contato com o “escrito” do livro e com o “dito” do curso.

Assim, na trama resultante do cruzamento entre a palavra pronunciada, o livro editado e posteriormente traduzido, alojam-se diversos interlocutores. Ao seu modo e ao seu tempo, cada um marca sua presença. Foucault-professor, os pensadores que faz falar nas aulas pronunciadas, os ouvintes das aulas quando foram proferidas no *Collège de France*, o editor que converte as aulas em livro, Foucault-autor do livro, os tradutores, os leitores. Desta trama explicita-se uma escrita construída em muitos tempos, uma fala reverberada em muitas outras.

Há neste cruzamento a presença de um certo estilo. Estilo de dizer e de escrever. Este estilo é marcado por um caráter que pode ser chamado “experimental” ou “laboratorial”, próprio a algo que se apresenta inacabado. É um estilo que dá voz a muitas falas, comporta múltiplas intervenções e acolhe diversos interlocutores. Por ser deste modo – inacabado, experimental, plural – o estilo de Foucault não procura a regularidade e a segurança nos pressupostos tradicionais da unidade do “autor” e da unidade da “obra”. Deste estilo está

ausente a pretensão à descoberta da “verdade”, está ausente a pretensão à busca da origem e do sentido último, está ausente também a pretensão à fundação de qualquer sistema de pensamento.

Ora, o que está presente neste estilo de dizer e de escrever de Foucault é o “modo de ser” de sua filosofia. Não foram poucas as vezes em que o filósofo referiu-se ao “modo de ser” de seu pensamento. Identifica seu trabalho a uma espécie de atitude, atitude que seria da ordem da problematização (FOUCAULT, 1994a, p. 591-598).

Em uma entrevista concedida a François Ewald, em 1984, publicada em *Dits et écrits* com o título “Le souci de la vérité” (FOUCAULT, 1994b, p. 668-678), afirmará que a noção que serviu de forma comum aos estudos realizados desde *l’Histoire de la folie* havia sido a noção de problematização: “Problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente nem criação pelo discurso de um objeto que não existe. [Problematização] é o conjunto de práticas discursivas ou não-discursivas que faz com que algo entre no jogo do verdadeiro e do falso e o constitua como objeto para o pensamento” (FOUCAULT, 1994b, p. 670).

Também em 1984, em um debate com Dreyfus e Rabinow (FOUCAULT, 1994c, p. 609-631), Foucault refere-se à sua filosofia como um trabalho do pensamento que seria um trabalho de perpétua “reproblematização”. E este esforço de reproblematização (das atividades, das práticas, das atitudes) não repousaria em uma forma de pessimismo expresso pela fórmula “nada mudará”, ao contrário, “consiste na adesão ao princípio de que o homem é um ser pensante até mesmo em suas mais silenciosas práticas, e de que o pensamento não é aquilo que nos faz crer naquilo que pensamos nem admitir aquilo que fazemos, mas é o que nos faz problematizar até mesmo o que nós somos”. E conclui: “O trabalho do pensamento não consiste em denunciar o mal que habitaria secretamente tudo o que existe, mas pressentir o perigo que ameaça tudo o que é habitual e tornar problemático tudo o que é sólido” (FOUCAULT, 1994c, p. 612).

Assim, a filosofia como problematização remete incessantemente à inquietação do pensamento. Ela é da ordem da provisoriedade das conclusões e não da estabilidade das certezas. Sua índole é arriscar-se, deslocar-se continuamente, tatear e experimentar, não admitindo para si mesma qualquer repouso ou descanso. É uma filosofia do pensamento inquieto, pois mais do que mero pensamento é, em certo sentido, uma prática. Por isso Foucault pode afirmar, na “Introdução” de *L’usage des plaisirs*, que o corpo vivo da filosofia é o “ensaio”, entendido como “experiência modificadora de si no jogo da verdade”, como “ascese”, ou ainda, como “um exercício de si, no pensamento” (FOUCAULT, 1984, p. 16).

Ora, se há sentido nestas considerações sobre o estilo dos “ditos” e dos “escritos” de Foucault, que nos remetem ao “modo de ser” próprio de sua filosofia, entendida como “ensaio”, como “experiência”, como “exercício de si”, este sentido aparece de modo peculiar relativamente à trama dos “ditos” e dos “escritos” que compõem *L’herméneutique du sujet*. Na trama do curso pronunciado, posteriormente convertido em livro e traduzido para outras línguas, talvez possamos constatar, ainda com mais evidência, o esvaecimento da distinção entre “estilo” e “conteúdo”, ou se quisermos, entre “forma” e “conteúdo”, característico dos trabalhos de Foucault.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **L’usage des plaisirs. Histoire de la sexualité**. Paris: Gallimard, 1984. v. 2.

_____. Polémique, politique et problématisations. In: _____. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994a. v. 4, p. 591-598.

_____. Le souci de la vérité. In: _____. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994b. v. 4, p. 668-678.

_____. À propos de la généalogie de l’éthique: un aperçu du travail en cours. In: DEFERT, D.; EWAL, F. (Org.). **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994c. v. 4, p. 609-631.

_____. **L’herméneutique du sujet. Cours au Collège de France (1981-1982)**. Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros. Paris: Gallimard/Seuil, 2001. (Coll. Hautes Études).

Recebido: 12/12/2008

Received: 12/12/2008

Aprovado: 30/01/2009

Approved: 01/30/2009

Revisado: 02/10/2009

Reviewed: 10/02/2009